



REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

# SITIENTIBUS

## ESTUDOS DA TRADUÇÃO

### ARTIGO

### REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DE ENUNCIÇÃO E A PRÁTICA TRADUTÓRIA DECOLONIAL LATINO-AMERICANA NA TRADUÇÃO DE *XICOTÉNCATL* (ANÔNIMO, [1826] 2020) E *O PERIQUITINHO SARNENTO* ([1816] 2024)

### REFLECTIONS ON PLACES OF ENUNCIATION AND DECOLONIAL LATIN AMERICAN TRANSLATION PRACTICE IN THE TRANSLATION OF *XICOTÉNCATL* (ANÔNIMO, [1826] 2020) AND *O PERIQUITINHO SARNENTO* ([1816] 2024)

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

Doutora em Letras. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa Resignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização. E-mail: leilashai@hotmail.com

Gilmei Francisco Fleck

Professor de cultura e literaturas hispânicas na Unioeste. Coordenador do Grupo de Pesquisa Resignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

### RESUMO

Os textos inauguradores da escrita romanesca na América Latina, *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816) e *Xicoténcatl* (Anónimo, 1826), no Brasil não foram foco de interesse como material de tradução literária até os anos 2020 e 2024, momento em que foram publicadas as traduções respectivas dentro do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Este ensaio apresenta reflexões sobre as atitudes tomadas pelo tradutor latino-americano que deseja exercitar a prática tradutória decolonial (Fleck, 2023), com base nos estudos contemporâneos que se referem ao processo de traduzir, com destaque aos estudos de Venuti (2002), Sales Salvador (2006) e Baker (2011), entre outros, pois essas práticas são fundamentais ao optar por novas vias para a ainda necessária conscientização, na América Latina, das enraizadas ações colonizadoras operadas desde os espaços de poder (Bourdieu, 2002).

**Palavras-chave:** Tradução literária decolonial. Lugar de enunciação do tradutor latino-americano. Literatura Comparada. Tradução de *Xicoténcatl* (2020) e *O Periquitinho Sarnento* (2024).

### ABSTRACT

The inaugural texts of novelistic prose in Latin America, *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816) and *Xicoténcatl* (Anónimo, 1826), were not a point of interest as material for literary translation in Brazil until the years 2020 and 2024, when the respective translations were published within the Research Group “Remeannings of the past in America: reading, writing and translation of the hybrid genres of history and fiction – ways to decolonization”. This essay brings reflections on the attitudes taken by the Latin American translator who wishes to engage in decolonial translation practice (Fleck, 2023), based on contemporary studies related to the translation process, highlighting the studies of Venuti (2002), Sales Salvador (2006) and Baker (2011), among others, as these practices are fundamental when opting for new pathways towards the still necessary awareness in Latin America of the deeply rooted colonizing actions operated from spaces of power. (Bourdieu, 2002).

**Keywords:** Decolonial translation of literature. Latin American translator’s place of enunciation. Comparative literature. Translation of *Xicoténcatl* (2020) and *O Periquitinho Sarnento* (2024).

## INTRODUÇÃO

Neste estudo trazemos um recorte específico com o intuito de refletir e discutir sobre o lugar de enunciação do tradutor latino-americano<sup>1</sup>, pois dependendo das atitudes tomadas por ele, se seu objetivo for exercer conscientemente a prática tradutória decolonial, é fundamental a toma de certas atitudes e práticas para contribuir com a ainda necessária conscientização, na América Latina, das enraizadas ações colonizadoras operadas desde os espaços de poder (Bourdieu, 2002). Nesse intuito, iniciamos com uma breve abordagem sobre a importância da tradução à história da literatura latino-americana, sobre a opção de modelo cultural idóneo escolhido pelo sistema literário (Even-Zohar, 1990; Martins, 2011) brasileiro em formação à época da publicação das obras *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816) e *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826). Em seguida, destacamos os estudos de Venuti (2002), Spivak (2002), Amorim (2005), Sales Salvador (2006), Baker (2011), entre outros, com o intuito de tecer discussões que abordam o lugar de enunciação e a prática tradutória do tradutor latino-americano decolonial (Fleck, 2023).

## OS PRIMEIROS ROMANCES LATINO-AMERICANOS: *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826)

Dois textos inauguram a produção romanesca na América Latina, o primeiro romance latino-americano e mexicano, *El Periquillo Sarniento*, de Fernández de Lizardi, publicado em 1816 e o primeiro romance histórico latino-americano, de autor anônimo<sup>2</sup>, *Xicoténcatl*, publicado em 1826. A seguir discutimos brevemente como ambas as obras mencionadas apresentam, nas palavras de Santiago (2000, p. 16, aspas nossas) o “movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos imutáveis que os europeus exportavam para o ‘Novo Mundo’”, a manipulação do repertório universal para converter o que seria alheio em próprio, a transculturação narrativa (Rama, 2008), aquela repescagem de modelos outros com o intuito de renovar, abandonando elementos obsoletos, incorporando paradigmas mais recentes para recriar uma nova forma de produção literária.

Del Pozo González (2024), em seu estudo introdutório da tradução da obra *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816), discorre sobre como o primeiro romance latino-americano não apenas inaugura a escrita romanesca no nosso âmbito, mas também existem outros dois critérios que devem ser considerados ao analisar a importância desse romance. O primeiro refere-se a que *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816) já nasce crítico do *status quo* colonial da época. A diegese expõe para o leitor do século XIX a corrupção na sociedade colonial. Porém, a narrativa de Fernández de Lizardi, foi cuidadosamente pensada para que seu relato fosse direto o suficiente apenas para levá-lo

ao ponto de ser engraçado para seu público, de modo que, da mesma forma, ele possibilitasse revelar o lado sombrio e censurável da sociedade colonial mexicana.

A segunda razão dessa obra ser importante é por conter o enfrentamento ao paradigma estético-ideológico implantado pela metrópole na colônia latino-americana, já na primeira década do século XIX, revelando-se híbrida e transcultural (Rama, 2008; Ortiz, 1978). Fernández de Lizardi é um autor que não nega a herança literária europeia que recebeu na sua formação autodidata, “pois [a escrita de Fernández de Lizardi] não está preocupada com isso, já que, na discursividade de sua obra, vemos a incorporação cultural antropofágica dessa ‘carga de anterioridade’, enquanto o seu ato escritural vai deglutindo, criticamente, o teor dos textos anteriores e dando-lhe uma nova vitalidade”. (Del Pozo González, p. 125). Isto acontece por meio do uso de não apenas o modelo da picaresca espanhola, como muitos apontam, mas também da sátira iluminista, que acaba mudando toda a configuração que o modelo picaresco tradicional apresenta, devido a que uma obra picaresca nunca faria críticas às instituições imperiais, aos altos funcionários e membros do clero, à devassidão da sociedade mexicana, entre outros. Em confluência, as personagens principais da picaresca espanhola tradicional focam sua narrativa em justificar seu comportamento desordenado, pois a honra é muito importante nesses contextos, não sendo o caso do Periquinho porque ele deseja ensinar seus filhos e, por extensão, seus leitores do século XIX.

Sobre a crítica ao governo colonial da Nova Espanha no romance de Fernández de Lizardi, ele é mostrado desde o início da narrativa, na “Advertência pontual” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 143), incluída pelo próprio autor, a partir da segunda edição:

É fundamental levar em consideração que esta obra foi escrita e impressa no ano de 1816, ainda sob a dominação espanhola, sendo que seu autor era malvisto pelo governo por ser patriota, não existindo a liberdade de imprensa, sob a censura dos ouvidores, dos canônicos e frades; e, além do mais, com a perseguição da néscia e déspota Inquisição que importunava. Ainda que nas advertências gerais sejam perdoadas as longas digressões, tomamos tanto a licença de delimitá-las, bem como de omitir anotações e incorporar outras, com algumas variantes que, caso deseje e possa, o leitor curioso reconhecerá.

E, o teor didático, no trecho retirado do “Prólogo do Periquinho Sarniento” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 153), a seguir:

Em virtude disso, eu lhes digo que esta obrzinha não é para os sábios, porque esses não necessitam de minhas pobres lições; mas, sim, que ela pode ser útil para alguns rapazes que carecem, talvez, de melhores obras de onde aprender. Ou, também,

para alguns jovens que sejam amigos da leitura de pequenos romances e de comédias, e, como essas podem fazer-lhes falta ou não as ter à mão algum dia, não deixarão de se entreter e de passar o tempo com a leitura de minha desordeira vida.

Essa preparação que o narrador faz nos recortes acima expõem o intuito de instruir seus leitores. Esse teria sido um dos recursos utilizados por Fernández de Lizardi que escreve o romance no período que compreende desde os anos finais do Vice-Reinado da Nova Espanha até o México livre, como os estudos de Palazón Mayoral (2012) confirmam. No entanto, segundo a estudiosa, o relato simula que a personagem Periquinho escreve para seus filhos em 1813, com o intuito de continuar a falar a verdade nua e crua sobre o *status quo* colonial e assegurar a verossimilhança.

Ainda mais, outro modo de enfrentamento ao modelo da metrópole se encontra em que o autor escolhe propositalmente seu modo de escrita para se aproximar, diretamente, do povo analfabeto mexicano, porém culto<sup>3</sup>, porque acreditava que era necessário leva-los ao mundo leitor, da qual tinham sido excluídos quando a conclamação foi proibida (Palazón Mayoral, 2001). Percebemos a intenção clara de cativar seu leitor, mantendo as condições mínimas com respeito às limitações apresentadas à interpretação textual. Para tal, Fernández de Lizardi utiliza procedimentos para seduzir o leitor principiante, com um discurso permissivo e tolerante para agradar e convencer. A linguagem é simples, formal, no entanto, permite o registro coloquial, da oralidade e a inclusão proposital da variedade linguística mexicana de língua transplantada (Paz, 1994), aspectos que seus detratores contemporâneos utilizaram para criticar o autor por não seguir o castelhano padrão da época<sup>4</sup>. Inclusive, o autor possibilita o recurso teatral, utilizado longamente pela catequização da igreja católica, de encenar a narrativa, proporcionando uma fonte de diversão ao seu público.

Dez anos mais tarde, *Xicotécatl* (1826) é publicado, em língua castelhana, na cidade estadunidense de Filadélfia, localidade considerada como “um dos paraísos dos conspiradores”, junto com Londres e Nova York, por terem comunidades que simpatizavam com as causas libertárias (Castro Leal, 1964). Entendemos que publicar fora de um país hispano-falante e com autoria anônima foram opções tomadas pelo autor devido ao teor crítico do romance. Henríquez Ureña (1994) afirma que o conteúdo na diegese é de um tom áspero e fortemente anti-espanhol, de tal modo que o autor não poderia deixar de ser hispano-latino-americano. Publicar em língua castelhana deixa entrever que o leitor final ideal desejado pelo romancista anônimo seria o leitor latino-americano. Isto é devido a que os assuntos abordados, mesmo com a diegese contextualizada especificamente em um cenário e tempo da história da nação Mexicana – a narrativa apresenta o fato histórico da chegada de Cortés à fronteira de Tlaxcala –, seria perfeitamente compreendida por todo leitor hispano-latino-americano.

O século XIX foi uma época importante para a história do nosso continente, entre outras, em razão das lutas pela independência das ainda colônias do Império espanhol. A diegese, em *Xicotécatl* (1826), além de narrar o início do processo de submetimento das nações indígenas no território do hoje chamado México, de acordo com Forero Quintero (2012), remetem ao contexto histórico que envolve não somente Espanha/México ou Espanha/Cuba, mas igualmente os Estados Unidos/México e as outras nações recentemente independentes. O estudioso ressalta a possibilidade da preocupação descolonizadora do possível autor do romance e de seus colegas também expatriados ou autoexpatriados nos Estados Unidos, pois, segundo o pesquisador, o tom do romance expressa, igualmente, a preocupação dos intelectuais das nações ex-colônias de perceber-se ainda dependentes da Europa e da nova grande nação estadunidense.

Da mesma maneira que o primeiro romance latino-americano, *Xicotécatl* (1826) também quebra o paradigma escritural eurocêntrico. Em primeiro lugar, vejamos que o título do romance nos indica essa quebra ao levar o nome do indígena Xicotécatl (1484-1521) que a história oficial, por muito tempo, considerou um traidor por ter se oposto aos planos de expugnação dos povos autóctones arquitetados por Hernán Cortés (1484-1547). Podemos reconhecer, na leitura, duas facções conformadas por personagens históricas ficcionalizadas, a primeira, dos heróis, liderada pelo jovem Xicotécatl, seu pai, do mesmo nome, e Teutila<sup>5</sup>. Na facção oposta se encontram Hernán Cortés e sua hoste, Diego de Ordaz, frei Bartolomé, *Doña Marina* (La Malinche) e Magiscatzin, representando os vilões. Desse modo, o herói dos registros oficiais (escritos por Espanha), o espanhol Cortés, o subjugador do México, é mostrado como vilão e o anti-herói, Xicotécatl, é configurado de modo a evidenciá-lo como o jovem guerreiro, de origem nobre, da nação pré-colombiana tlaxcalteca que sucumbe diante de circunstâncias arquitetadas por Hernán Cortés. Ainda mais, “o narrador desconstrói, sem piedade, a configuração elevada que os europeus possuem em narrativas que reproduzem o discurso tradicional eurocêntrico.” (Cerdeira; Del Pozo González; Fleck, 2021, p. 9). Essas configurações permitem ao leitor entender que se trata, definitivamente, de uma narrativa que traz a voz silenciada autóctone, por meio de um discurso anticolonial.

O segundo paradigma quebrado no romance anônimo é o scottiano. O modelo de Walter Scott para os romances históricos, de acordo com Fleck (2017), apresentava dois níveis narrativos, um totalmente ficcional no qual acontecem as ações do triângulo amoroso, formado pelas personagens principais, e outro nível histórico – recorte histórico real, bem conhecido por todos – utilizado como pano de fundo, quer dizer, utilizado como contextualização para as ações das personagens principais. As personagens históricas desse pano de fundo agem em situações historicamente comprovadas. Em *Xicotécatl* (1826), contudo, observamos que apenas é

utilizada uma linha narrativa, a histórica, e as personagens principais são todas de extração histórica<sup>6</sup>. O romance anônimo não modifica o afirmado nos registros históricos, aliás, “a narrativa reconstrói de forma rigorosa – seguindo a história –, os acontecimentos em que ocorre a ação ficcional elaborada no primeiro plano do romance, numa mistura de invenção com discurso historiográfico”. (Del Pozo González, 2017, p. 57). O narrador utiliza com frequência citações diretas tomadas, sobre tudo, do cronista Antonio de Solís y Rivadeneyra (1610-1686), *Historia de la conquista de México* (1771) e aproveita as lacunas deixadas pelos registros históricos para construir a narrativa desde uma perspectiva outra, crítica desses eventos registrados pela história.

Fleck (2017) elabora uma classificação das modalidades de romance histórico desde Scott até os nossos dias. Segundo o pesquisador, a produção de romances históricos, de forma geral, se divide em três fases: a primeira é a fase acrítica, que compreende desde o que conhecemos como romantismo, o realismo e o pós-modernismo. Na segunda fase, a crítica e desconstrucionista, que abrange o boom latino-americano. Na terceira fase, a mediadora, que abarca toda a produção pós-boom da literatura latino-americana. Seguindo essa divisão de fases, Fleck (2017) menciona que a primeira consta da modalidade de escrita de romance histórico clássico scottiano, desde 1814/1819 até meados do século XX, seguida da modalidade de romance histórico tradicional, desde 1826 até nossos dias. Nessa catalogação de Fleck (2017), *Xicoténcatl* (1826) não pode ser considerado como romance histórico clássico, nem tradicional, devido a que é um romance de transição, quer dizer apresenta outras características como a criticidade (em oposição à fase acrítica), um narrador com atributos de historiador (Pulido Herráez, 2011, p. 62), o desconstrucionismo (a narrativa anônima desmonta a narrativa que a história registra, se valendo dos brancos deixados ou que não se ocupa em mencionar). O modelo presente em *Xicoténcatl* (1826) não vingou entre os escritores da sua época, mas pelas características pode ser considerado o germe do romance histórico latino-americano.

Todos esses fatores fazem com que o primeiro romance e o primeiro romance histórico escritos na América Latina sejam considerados como textos altamente analíticos e críticos do *status quo* da cotidianidade colonial no México de 1816 e da escrita da história pelos registros oficiais oferecendo uma perspectiva outra em 1826, respectivamente. Diante de tais argumentos, Del Pozo González (2024) elucida como no Brasil, por conta de várias questões, essas obras não vieram fazer parte do conhecimento público brasileiro devido à falta da tradução dessas obras. Fleck (2023) comenta, do mesmo modo, a falta de traduções da produção literária hispano-americana para o âmbito da língua portuguesa que são referência histórica dos enfrentamentos aos cânones eurocêntricos impostos no nosso âmbito. A seguir, evidenciamos porquê é necessária a tradução de obras críticas para aportar à construção decolonizadora da nossa sociedade.

## A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

A teoria dos polissistemas, proposta teórica de Even-Zohar (1990), elucida como as literaturas centrais, as jovens e as periféricas se comportam numa relação entre si. No caso da literatura brasileira, ao igual que as outras latino-americanas, ela é considerada como literatura jovem frente à tradição europeia, por ainda não ter tido tempo para gerar um repertório e não estar completamente consolidado. Esse pesquisador afirma que a literatura traduzida forma um sistema dentro do polissistema de uma nação. Este novo sistema pode chegar a manter um lugar central, quer dizer, ao estar nessa posição, contribui de forma muito ativa na modelação das expressões literárias nacionais, e, dessa forma, traz consigo novos paradigmas, repertórios, recursos escriturais, e, obviamente, ideologias<sup>7</sup>, entre outros aspectos da produção literária. Portanto, traduzir um romance de uma língua estrangeira impulsiona a produção da narrativa romanesca nos sistemas literários jovens, de modo que as traduções de obras literárias cumpriram antigamente, e ainda cumprem, “um papel importante como ação na constituição do repositório universal do qual os escritores latino-americanos lançaram mão para interagir com o signo do estrangeiro”. (Del Pozo González, 2024, p. 75). Porém, nem todas as obras literárias tornam-se elegíveis para passar a formar parte desse subsistema literário, cada sistema literário nacional possui seus “modelos culturais idôneos”<sup>8</sup> (Varela Jácome, 1982, aspas nossas), ou preferências na hora de decidir quais obras traduzir.

O século XIX, para a América Latina, foi um momento de busca pela consolidação dos territórios das novas nações. Paralelamente, nesse período, a *intelligentsia* latino-americana publica suas reflexões apresentando, de forma abundante, obras com projetos ideológicos de nação. *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826) fazem parte desse conjunto de romances, cada qual com estilo próprio. O romance de Fernández de Lizardi visa fazer críticas ao sistema colonial para poder construir uma nação melhor/ideal, e, líder na América Latina. O romance anônimo utiliza sua narrativa para dignificar o passado glorioso autóctone, criticar os registros da história das crônicas e afirmar que o futuro da nova nação mexicana está na aceitação da mestiçagem e o cultivo das virtudes, e a firme crença na predestinação nacional mexicana “para dirigir o processo de liberação do continente”. (Forero Quintero, 2012, p. 12). Desse modo, observamos que o teor crítico discursivo nas duas obras inaugurais da escrita romanesca na América Latina é contundente.

Em geral, a tendência naquele momento era evitar, a todo custo, imitar os modelos impostos pela metrópole. Por exemplo, nas novas nações hispano-americanas optou-se pela hispanofobia, assim, o modelo literário francês e inglês foram os preferidos para as suas produções<sup>9</sup>. Inclusive,

*El Periquillo Sarniento* (1816) foi comercializado de forma similar ao folhetim francês, mas com formas e temáticas diferentes, assuntos latino-americanos, as chamadas *novelas por entrega*, ou romances por entrega. De modo paralelo, no lado do Brasil, optou-se pelo modelo francês para as traduções.

Por conta do espaço deste estudo, apenas mencionaremos que a elite da corte, desde início da formação de Portugal como país, teve “uma dupla exposição cultural, a portuguesa e, por seu intermédio, a francesa [...]” (Wylér, 2003, p. 57), questão cultural que foi herdada pela colônia brasileira. Enfim, são muitos os fatores que viabilizaram a eleição das obras francesas como modelo cultural idóneo no Brasil.

A primeira publicação de uma tradução no nosso país foi a do romance *Le capitaine Paul* (1843), de Alexandre Dumas, traduzido e publicado por Pierre Plancher, dono do Jornal do Commercio, apenas alguns meses depois de ter sido publicado na França. Essa obra teria sido muito bem recebida pelos leitores e a partir daí circularam traduções de outras obras de várias nacionalidades (Silva, 2009), o que impulsionou a produção da narrativa brasileira. Em 1843, é publicado o primeiro romance brasileiro, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, *O filho do pescador* e no ano seguinte *A moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo. De acordo com Silva (2009), o primeiro romance brasileiro teria seguido o modelo inglês e o segundo, o modelo francês, razão pela qual a crítica literária brasileira do século XX, por purismos tradicionalistas estéticos, diferentes aos valorizados no século anterior, colocaram como obra menor a de Teixeira e Sousa, enquanto que a obra de Macedo elevou-se à única iniciadora do romance brasileiro. No entanto, no quesito criticidade da narrativa, não constatamos nada similar à diegese crítica de *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826) (Del Pozo González, 2024). Assim, observamos que a escolha do modelo cultural idóneo no Brasil se deu a partir de 1843 com a primeira tradução de uma obra francesa e, portanto, foi desconsiderada a opção de traduzir as obras em castelhano, *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826), mesmo sendo anteriores a *Le capitaine Paul* (1843). No entanto, “a escrita de romances brasileiros se consolida à partir da década de 1850, sob a influência da tradução de obras da literatura europeia”. (Del Pozo González, 2024, p. 119).

*El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826) não apresentam aquela angústia da influência (Bloom, 1991), elas vão além dessa preocupação pelo estigma e, ao não poder impedir ou negar as imposições do colonizador, buscam trocar “uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação de falsa obediência [...]”. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” (Santiago, 2000, p. 16-17). É ali que recai o “movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (Santiago, 2000, p. 18).

Em pleno período de lutas pela independência da Nova Espanha do Império espanhol, *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826) inauguram a prosa romanesca

crítica do governo colonial em América Latina, enquanto que o Brasil passava por um período histórico de instabilidade política no território. Do contexto colonial passou a reino e, posteriormente, império, o que teria sido “uma missão arriscada traduzir a obra *El Periquillo Sarniento* (1816) [e o *Xicoténcatl* (1826)], já que seu conteúdo poderia ter sido considerado como subversivo pela coroa portuguesa e, também, pelo alto comitê que exercia o poder no recém-fundado Império do Brasil”. (Del Pozo González, 2024, p. 128). Desse modo acreditamos tenha sido a razão por não considerar as duas obras como modelos culturais idôneos para a tradução no Brasil. No entanto, passaram 208 anos para que o primeiro romance latino-americano e 194 anos para o primeiro romance histórico latino-americano ser traduzido no nosso país.

Wylér (2003) e Martins (2011) afirmam que a publicação de *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo, aportou ao sistema literário brasileiro elementos estruturais até então inexistentes na prosa literária brasileira. A nossa pergunta é quais mudanças na escrita romanesca brasileira não teriam acontecido se na década de publicação da obra de Fernández de Lizardi (1816) e a do autor anônimo (1826) tivessem sido feitas as respectivas traduções? O ponto ao qual queremos chegar é que a prática tradutória de obras literárias permite um movimento de trocas culturais contínuas, pelos “fatores culturais, linguísticos, ideológicos e econômicos” (Amorim, 2005, p. 27), entre outros aspectos inerentes à produção artístico-literária.

### O LUGAR DE ENUNCIÇÃO E A PRÁTICA TRADUTÓRIA DO TRADUTOR LATINO-AMERICANO DECOLONIAL: caminhos para a reflexão

Com base no antigo ditado “*traduttori, tradittori*”, Wylér (2003, p. 19) convida a refletir sobre “a que são fiéis a tradução e o tradutor” atualmente? O tradutor latino-americano precisa ocupar a função de colaborador consciente do seu ofício tradutório, estar ciente do seu lugar de enunciação (Sales Salvador, 2006), agir de forma reflexiva diante da oportunidade de atuar em favor da decolonização. Mas o que significa isto? Entendemos o conceito de decolonização, não como a separação política dos territórios subjugados, as “colônias”, do jugo imperial “colonizador”, mas como o segundo processo de descolonização, ou desterritorialização das mentes, para passar a reocupá-las, é preciso “engendrar [...] uma segunda descolonização pelos projetos decoloniais”. (Fleck, 2023, p. 251). Traduzir implica lidar com ideologias, já que nenhum texto é transparente, como o afirma o princípio da arbitrariedade e da motivação relativa saussurianas. Existe um diálogo, sim, entre os modelos traduzidos e aqueles desenvolvidos a partir deles. O equilíbrio entre esses diálogos ideológicos é salutar a um polissistema literário em formação, mas a ausência de vozes próprias nesse contexto implica na soberania dos modelos estrangeiros e na disseminação, sem limites, das ideologias estrangeiras entre os leitores.

A tradução é um “*process of negotiation between two cultures*”<sup>10</sup>. (Lefevere, 1994, p. 11), porém, o que é necessário ressaltar é que “*translation is indeed acculturation*”<sup>11</sup>. (Lefevere, 1994, p. 12). Nós, tradutores, colaboramos para dar continuidade a esse poder, ou somos por ele controlados. Na prática tradutória, isso se faz abertamente e em acordo com o sistema ou, ao contrário disso, é estabelecido, por parte do tradutor, um posicionamento claramente contra tal prática. Tanto uma quanto outra ação levam ao exercício desse “poder” mencionado pelo estudioso.

O início da produção de romances na América Latina hispânica, como lembram Sommer (2004) e Vogeley (2004), aconteceu com atraso devido a disposições coloniais de 1532, 1541 e 1543, cujo teor é semelhante ao que aconteceu no Brasil, nas quais era proibida a publicação e importação do gênero romanesco. Isso se dava, à época, devido às contradições contidas nessas publicações ficcionais sobre a religião católica ou, também, por questões de segurança política, no sentido de evitar o ingresso no território colonizado de ideologias pró-independentes.

Como sugerido por Sommer (2004), corroboramos a ideia de que *El Periquillo Sarniento* (1816) foi o resultado da resposta dos hispano-americanos diante dos acontecimentos da invasão napoleônica da Europa: a assunção da responsabilidade sobre a sua própria soberania, a qual foi muito bem-vinda. Consideramos que algo similar aconteceu com *Xicoténcatl* (1826) e observamos a precaução do autor anônimo de publicar em língua castelhana em um território onde fala-se a língua inglesa. Essas características nos levam a afirmar que Fernández de Lizardi e o autor anônimo tinham ciência do teor da narrativa que escreveram. Ambos os escritores faziam parte daquele grupo *criollo* privilegiado que se permitiu refletir e tomar um posicionamento claro sobre a situação de colonialidade pela que passava sua pátria<sup>12</sup>.

O tradutor latino-americano não pertence:

nem à cultura europeia, nem à nativa americana. Ele assume sua posição de mestiço, o entre-lugar, que não é nada neutro, entre duas culturas, um espaço de militância. Esse tradutor assume não ser puro, e, logo, resiste e se resiste a traduzir qualquer texto e propõe traduzir uma obra de interesse para nosso contexto. Assim, esse tradutor é leal a esse espaço mestiço, está afiliado e comprometido a sua cultura, portanto, deseja aportar, com seu labor tradutório, para desenvolver ideologias que ajudem aos latino-americanos a ressignificarem a sua própria história literária. (Cerdeira; Del Pozo González; Fleck, 2021, p. 15).

Compreendemos a necessidade de consciência ontológica do tradutor no nosso contexto, saber, de modo claro, de onde vêm e aonde vão as suas decisões tradutórias e como elas afetam todo o nosso sistema. Nessa perspectiva, Sales Salvador (2006) menciona um importante critério para nossa prática tradutória, o conceito de “*affidamento*”, quer dizer que o tradutor também precisa estar ciente da alteridade,

identificar-se com o outro, compreender a expressão e o sentimento do outro. Em outras palavras, uma obra a ser traduzida, deve ser uma obra devidamente estudada, discutida e analisada, se possível, por um conjunto de sujeitos que estejam teoricamente embasados e, da mesma forma, abertos às contribuições de outros olhares lançados sobre o objeto de estudo. Quando o tradutor está em consonância com a prática do “*affidamento*”, de acordo com Sales Salvador (2006, p. 28), efetua-se um processo tradutório no qual se considera a possibilidade de “[...] *revalorizar las posibilidades éticas de la subjetividad de un sujeto traductor consciente de la responsabilidad de su mediación*”<sup>13</sup>. O resultado dessa prática distingue-se pelo fato dela dar valor à responsabilidade ética do tradutor pela sua mediação cultural e linguística no texto meta.

Esse pensamento é, da mesma forma, corroborado por Baker (2011, p. 274), que se manifesta com relação a esse posicionamento crítico do tradutor diante da tarefa de efetivar o trânsito cultural-linguístico da tradução e complementa essa ideia, expressando que, frente aos desafios que isso implica, é necessário que se considere, também, a hipótese de “*it is your responsibility to question the code in order to avoid causing harm to others or perpetuating potential forms of injustices*”<sup>14</sup>, ou, como expressa Sales Salvador (2006, p. 28), “*así como quien traduce puede negarse a hacerlo por motivos éticos*”<sup>15</sup>. Portanto, entendemos, desde o espaço social de nosso *lócus* enunciativo, que é necessário ao tradutor latino-americano, em especial, atuar com base em uma abordagem decolonial da tradução<sup>16</sup>, quer dizer, considerar aquilo que não é discutido pelas abordagens pós-coloniais, ciente de sua mediação nessas práticas sociais, que ultrapassam fronteiras, sejam elas linguísticas, culturais, históricas e muitas outras.

Nesse sentido, “a tradução na América Latina torna-se indispensável, pois o tradutor latino-americano de hoje continua a ser esse leitor especializado, o canibal que devora o texto original, aquele que (re)cria um palimpsesto que possa ser lido pela sua comunidade de leitores-alvo”. (Del Pozo González, 2024, p. 133). É aí que recai a responsabilidade do tradutor decolonial, a mediação dele para com o leitor final do nosso contexto é fundamental.

Em confluência, Sales Salvador (2006) e Spivak (2002) – concordam na necessidade de se criar, no texto meta, intervenções críticas e paratextos, por parte do tradutor, com o intuito de

[...] complementar la traducción con documentación alternativa para facilitar el intercambio cultural entre el público lector y la diferencialidad del original, para ‘intentar dejar hablar al otro’ a través del aparato traductológico (eg. comentario, introducción, nota, glosario, o anexo que acompañe a la traducción)<sup>17</sup> (Sales Salvador, 2006, p. 27).

Entendemos que essa prática interventiva, proposta por Sales Salvador, e que é possível ao tradutor na atualidade, é, de fato, necessária, em muitos casos, para, no texto

meta, não somente repetir o movimento laudatório ou depreciativo do texto do outro, o texto fonte sem mostrar, criticamente, para o leitor contemporâneo, o que se passa, discursivamente, nas camadas mais profundas do texto em processo de tradução. Nas traduções de caráter comercial, observa-se, geralmente, de acordo com Frota (2000), uma superestimação da escrita autoral, ocasionando uma espécie de angústia no tradutor. Nesses casos, o tradutor posiciona-se num lugar de constante impotência e frustração, enquanto lhe é cobrado que eleve o texto estrangeiro ao nível do belo, rico e inatingível. Nessa situação específica, o tradutor decolonial, ciente de seu papel e de sua posição de poder, não se pode valer, nessa realidade que não lhe outorga autonomia, dos diferentes procedimentos tradutórios conhecidos como “domestificação” para evitar estranhamentos no leitor do texto meta, uma opção assimilativa da língua fonte, e “estrangeirização”, que implica que o tradutor faça um movimento de aproximação do leitor ao autor, possibilitando a confrontação com a existência do outro, tal como Venuti (2002) expressa.

Nesse caso, o tradutor decolonial vale-se, para proporcionar o diálogo entre as culturas, da premissa de “*intentar dejar hablar al otro*” (Sales Salvador, 2006, p. 27), observado também por Spivak (2002). Isso ocorre ao se dispensar aos “marcadores culturais” presentes no texto fonte – lexis ou expressões fraseológicas peculiares dos domínios ecológico, material, sociais e ideológicos (Aubert, 2006), bastante exclusivos da língua e cultura fonte – um tratamento diferenciado que, na maioria das vezes, consiste em não alterar – ou alterar minimamente, por questões fonéticas – o emprego das lexis ou expressões fraseológicas da língua fonte no texto meta.

O tradutor decolonial emprega, na sua prática, recursos como aqueles apontados por Sales Salvador (2006) de escrever artigos, comentários, outro tipo de paratextos que acompanhem a tradução para efetivar e priorizar o procedimento do “espelhamento” (efetuado pelos desdobramentos do empréstimo ou do decalque) daqueles termos considerados marcadores culturais. Essa opção garante a manutenção, em grande parte, das peculiaridades culturais e ideológicas da língua fonte no texto meta, evitando, em grande medida, o apagamento da cultura do outro no texto meta.

Consideramos importante esse posicionamento do tradutor decolonial diante de sua tarefa de mediar diferentes culturas. Muitos tradutores podem escolher o que traduzir, já outros não têm essa autonomia. Cientes de que um texto traduzido tem um perfil aculturador, o tradutor decolonial, em práticas como as que se efetivam nos grupos de pesquisas – entre elas o grupo mencionado neste estudo, vinculado a uma equipe de pesquisa que busca vias à descolonização da América Latina –, escolhe quais ideologias transmitir na nossa tradução, sem ocultar as outras, mas torná-las evidentes, apresentando discussões sobre elas, seja por estudos introdutórios, notas de rodapé, artigos publicados

sobre a trajetória do processo tradutório, ou outras vias que se mostrarem, ainda, viáveis à nossa prática. Ele assume a tradução de literatura menor, marginalizada pelo centro/esfera do poder para gerar um espaço de enunciação às vozes esquecidas e silenciadas pelo processo colonizador e suas múltiplas estratégias de subjugação.

No caso do “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, optamos, por trazer de volta à luz alguns textos relevantes da literatura hispânica na América. Esses são textos que marcaram a história da literatura no espaço antes colonizado pelas metrópoles europeias na América Latina e, pela mediação da tradução, buscamos disponibilizá-los ao público leitor de língua portuguesa no século XXI. Outros textos, consagrados ou mesmo ignorados em outras épocas, constituem já o *corpus* de estudo e análise da atual agenda dos pesquisadores vinculados a essa linha de pesquisa do mencionado Grupo de profissionais e estudiosos que compõem a equipe “Ressignificações do Passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”. Essa é uma das formas que encontramos para agregar conhecimento ao público brasileiro em geral, ao revelar como esses textos críticos já eram produzidos na América Latina, no contexto da literatura hispano-americana, no início do século XIX. Isso nos auxilia a melhor entender o nosso próprio sistema literário e a influência que nele a tradução teve, ou poderia ter tido, e ainda tem.

## Notas

<sup>1</sup>Este texto expõe resultados obtidos nos estudos da dissertação, DEL POZO GONZALEZ, Leila Shaí. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*, e da tese, DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. *O Periquinho Sarnento (2024): uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano*, apresentadas e aprovadas em 2017 e 2024, respectivamente.

<sup>2</sup>Vários pesquisadores atribuem nomes para o autor anônimo de *Xicoténcatl* (1826). Nós escolhemos continuar afirmando o anonimato, tal como Castro Leal (1964), Castilho-Feliú (1999) e Forero Quintero (2012).

<sup>3</sup>Vogeley (2004) Ruiz Barrionuevo (2008) e Palazón Mayoral (2001, 2012, 2016) confirmam que as obras de Fernández de Lizardi foram lidas em voz alta para o público analfabeto e que o autor sabia dessa condição de auditório dos seus ‘leitores’, razão pela qual se utiliza estratégias próprias da oralidade, linguagem simples e coloquial, ao mesmo tempo que valoriza a variante linguística mexicana da época. Aliás, esse público analfabeto era mais culto do que hoje em dia (Palazón Mayoral, 2012; 2016), pois era consumidor de leituras, mesmo lidos por terceiros, não apenas ouviam, também discutiam os assuntos da atualidade.

<sup>4</sup>À época, de acordo com Vogeley (2004) e Palazón Mayoral (2001), o castelhano de México ainda estava no processo de consolidação.

<sup>5</sup>Teutila é a única personagem que “não é de extração histórica [...] [ela é] a representação daquilo que há de melhor no mundo indígena: a beleza, a coragem das mulheres de Tlaxcala, a resistência à ocupação europeia; em todos os sentidos ela é símbolo de perfeição. Sua morte representa a extinção desse mundo, já que há a impossibilidade de a antiguidade continuar a funcionar tal qual o fazia antes da chegada dos europeus”. (Del Pozo González, 2017, p. 44).

<sup>6</sup>No mesmo ano de 1826, publica-se na França, Cinq-Mars, de Alfred de Vigny, coincidentemente, utiliza também uma única linha narrativa, a histórica, e as personagens principais são todas históricas. Até o momento, não há evidências de Xicoténcatl e Cinq-Mars tenham se alimentado uma da outra. Porém, é necessário lembrar o que Uslar Pietri (1969) afirma no texto *Lascarabelas del mundo muerto*, pois as informações e pesquisas vindas da Europa tardavam em chegar até o nosso continente.

<sup>7</sup>Optamos, aqui, pelo conceito de ideologia como o conjunto de ideias ou princípios que seguem uma sociedade.

<sup>8</sup>Varela Jácome (1982, p. 4, aspas nossas) explica que, depois das publicações de Fernández de Lizardi, os autores desse lado do continente não escrevem devido à falta de “modelos culturais idôneos”. No entanto, o pesquisador espanhol não toma em conta que, entre 1826 e 1846, dependendo do território nacional, corresponde ao período de lutas pela independência e de conflitos internos e externos na procura da estabilização política e, como afirma Palermo (2011), a literatura foi essencial nessa construção identitária nacional.

<sup>9</sup>No Brasil aconteceu algo similar, o novo centro migrou de Lisboa a Paris e Londres no século XIX e Estados Unidos no século XX (Bellei, 2000).

<sup>10</sup>Nossa tradução: “[...] processo de negociação entre duas culturas”. (Lefevere, 1994, p. 11).

<sup>11</sup>Nossa tradução: “[...] tradução é, de fato, aculturação” (Lefevere, 1994, p. 12).

<sup>12</sup>Optamos pelo conceito de pátria como: “Nação em relação à qual se desenvolve sentimento de pertencimento e ligação afetiva”. (Aulete digital, s. d., s. n.). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/p%C3%A1tria>. Acesso em: 06 jun. 2024.

<sup>13</sup>Nossa tradução: “[...] trata-se de revalorizar as possibilidades éticas da subjetividade de um sujeito tradutor ciente da responsabilidade da sua mediação”. (Sales Salvador, 2006, p. 28).

<sup>14</sup>Nossa tradução: “[...] questionar o código é tua responsabilidade de modo a evitar causar danos a outros ou de perpetuar formas potenciais de injustiça”. (Baker, 2011, p. 274).

<sup>15</sup>Nossa tradução: “do mesmo modo, quem traduz pode negar-se a fazê-lo por motivações éticas”.

<sup>16</sup>Sugerimos a leitura do artigo de FLECK, G. F.; LOPEZ, C. J.; BARREIROS, P. N. Resignificações do passado da América: vias para a descolonização e o pensamento decolonial na literatura e na tradução literária. *A Cor das Letras*, [S. l.], v. 24, n. Especial, p. 1-7, 2023. DOI: 10.13102/cl.v24iEspecial.10055. Disponível em: <https://www.periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/10055>. Acesso em: 31 jul. 2023.

<sup>17</sup>Nossa tradução: “[...] complementar a tradução com documentação alternativa para facilitar a troca cultural entre o público leitor e as diferenças do original, para ‘deixar o outro falar’ por meio do aparato tradutológico (por exemplo: comentário, introdução, nota, glossário, o anexo que acompanha a tradução)”.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, L. M. *Tradução e adaptação*. Encruzilhadas da textualidade em *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. [2. ed.]. p. 73-177. In: CASTRO LEAL, Antonio (Org.). *La novela del México colonial*. México: Aguilar, 1964.

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Edición, estudio preliminar y notas de Gustavo Forero Quintero. Madrid: Vervuert, 2012.

ANÔNIMO. *Xicoténcatl*: o primeiro romance histórico latino-americano. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

AUBERT, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. *Literatura e Sociedade*, [s. l.], v. 11, n. 9, p. 60-69, 2006. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i9p60-69. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19741>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BAKER, M. *In other words*. A coursebook on translation. 2. ed. New York: Routledge, 2011.

BELLEI, S. L. P. *Monstros, índios e canibais*: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000.

BLOOM, H. *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CARBONELL, O. The exotic space of cultural translation. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. (Ed.). *Translation power subversion*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1996. p. 79-98.

CERDEIRA, P. de L.; DEL POZO GONZÁLEZ, L. S.; FLECK, G. F. A Primeira Tradução de Xicoténcatl ao Português Brasileiro (1826-2020): Traduzir para Resistir. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-19, 2021.

DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826)*: [1999 – 2013]. 2017. 212 f. Dissertação

(Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2017.

DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. *O Periquinho Sarniento (2024)*: uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano. 2024. 1028f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2024.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. *Poetics Today*. [s. l.], v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: [https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar\\_1990--Polysystem%20studies.pdf](https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf). Acesso em: 25 jul. 2023.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. *The Mangy Parrot*. The life and times of Periquillo Sarniento, written by himself for his children. Introduction by Nancy Vogeley. Translated by David Frye. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. *El Periquillo Sarniento*. Edição de Carmen Ruiz Barrionuevo. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2008.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F. Tradução e decolonialidade na América Latina. A Cor das Letras, [s. l.], v. 24, n. Especial, p. 247–267, 2023. DOI: 10.13102/cl.v24i1.9330. Disponível em: <https://www.periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/9330>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FROTA, M. P. Tradução como uma relação de amor. *Alfa*: Revista de Linguística, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4288>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MARTINS, M. A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In: WEINHARDT, M.; CARDOSO, M. M. (Org.). *Centro, centros*: literatura e literatura comparada em discussão. Curitiba: Editora da UFPR, 2011. p. 111-125.

ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. [s.l.]: Ayacucho, 1978.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. Los jilgueros de Apolo contra Lizardi, el grajo (las élites y contraélites letradas. México 1809-1827). Asociación Internacional de Hispanistas AIH, *Actas XIV*, v. IV, 2001. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/14/aih\\_14\\_4\\_065.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/14/aih_14_4_065.pdf). Acesso em: 07 dez. 2021.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. Introducción para adultos. In: FERNÁNDEZ DE LIZARDI, José Joaquín. *El Periquillo Sarniento*: Los cinco libros resumidos. Selección, introducción y prefacio de María Rosa Palazón Mayoral. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2012.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. *Conferencia*. José Joaquín Fernández de Lizardi. Bicentenario de El Periquillo Sarniento. 2016. Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México (INEHRM). Secretaría de Cultura de México. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFKHM4uNemQ>. Acesso em: 16 ago. 2017.

PAZ, O. La búsqueda del presente. In: SKIRIUS, J. (Compilador). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 3. ed. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 431-442.

PULIDO HERRÁEZ, B. *Jicoténcal*: una disputa entre la monarquía y la república. Cuadernos Americanos. México, n. 137, p. 47-66, mar. 2011.

RAMA, A. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

SALES SALVADOR, D. Traducción, género y poscolonialismo: compromiso traductológico como mediación y affidamento femenino. *Quaderns*. Revista de traducció, [s. l.], n. 13, 2006. p. 21-30. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/QuadernsTraduccio/article/view/51658>. Acesso: 25 jul. 2023.

SANTIAGO, S. Uma literatura nos trópicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, H. C. *Prelúdio do romance brasileiro*: Teixeira e Souza e as primeiras narrativas ficcionais. 2009. 2v. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/76762/preludio-do-romance-brasileiro-teixeira-e-sousa-e-as-primei/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SPIVAK, G. C. (1). ¿Puede hablar la subalterna? *Asparkia*. Investigación Feminista. [s. l.], n. 13, p. 207-214, 2002. Disponível em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/asparkia/article/view/871/781>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEIXEIRA E SOUSA, A. G. de. *O filho do pescador*. São José dos Pinhais, PR: Estronho, 2020.

USLAR PIETRI, A. *El mestizaje y el nuevo mundo*. In: USLAR PIETRI, Arturo. *Cuarenta ensayos*. 1. ed. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Latinoamericana, 1969.

VARELA JÁCOME, B. *Evolución de la novela hispanoamericana en el siglo XIX*. Madrid: Cupsa, 1982. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/evolucion-de-la-novela-hispanoamericana-en-el-siglo-xix-0/html/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valério Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.